

OS GUARDIÕES DAS FLORESTAS – FINANCIAMENTO PARA RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

Textos: Cristina Orpheo e Maria Amália Souza **Colaboração:** Rubens Born and Maryellen Crisóstomo de

Almeida (CONAQ) **Depoimentos:** Parceiros e apoiados do Fundo Casa **Revisão:** Denise Faria e João

Victor Pacífico

Organização da Publicação:

Attilio Zolin

Design Gráfico: Motora -Branding e Design **Fontes do Dados:** Base de dados do Fundo Casa Socioambiental

CONSELHO DELIBERATIVO (2020 - 2023)

Presidente do conselho: Renato Cunha Integrantes do conselho: Brent Millikan; Henrique Silveira; Selma dos Santos Dealdina; Severiá Maria Idioriê EQUIPE FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL (2022)

Diretora Executiva: Cristina Orpheo **Desenvolvimento Estratégico:** Maria Amália Souza

Coordenadora de Finanças:

Taila Wengrzynek

Equipe técnica: Attílio Zolin; Beatriz Roseiro; Claudia Gibeli; Denise Farias; Helen Maria, Inimá P. Lacerda; Jani Aparecida Joana; Janice Mello; Ketlyn Santos, Maíra Lacerda; Regilon Matos; Thiarles do Santos; Vanessa Ourique Purper; Rodrigo Montaldi Morales.

Estagiária: Mariana de Souza

"Comunidades tradicionais estão na linha de frente tanto dos impactos da crise climática, quanto das soluções de adaptação e mitigação mais justas e inovadoras que possuímos. São tecnologias sociais implementadas em muitos territórios onde o estado é omisso e as políticas públicas mais básicas não conseguem ser plenamente implementadas. Nesse sentido, apoios financeiros como aqueles proporcionados pelo Fundo Casa Socioambiental com foco em comunidades que defendem territórios são essenciais para catalisar o impacto de proteção dos biomas que esses grupos já exercem, melhorando ainda a qualidade de vida dessas pessoas e empoderando cada vez mais esses grupos."

JOÃO HENRIQUE Clima de Eleições

MARCOS
WESLEY
PEDROSO
Tapajós de Fato

"As mudanças climáticas afetam a todos, alguns grupos sociais, como os povos da floresta, sofrem os efeitos e muitas vezes não conseguem fazer a relação das alterações do ambiente natural como um reflexo das destruições das mudanças climáticas. A importância do apoio do Fundo Casa ao Tapajós de Fato tem sido essencial para promover uma democratização do acesso à informação sobre mudanças climáticas na região do Tapajós e Baixo Amazonas. O processo de informar e sensibilizar contribui para a preservação dos rios e florestas, e, consequentemente, o bem viver dos povos locais."

INTRODUÇÃO

As transformações no clima do planeta têm se intensificado nos últimos anos, as temperaturas dos oceanos e da atmosfera aumentaram e geraram climas extremos e atípicos mundo afora. Ondas de calor, secas e incêndios florestais têm se intensificado, como pôde ser visto no verão de 2022, especialmente na Europa. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - UNEP e a Organização Meteorológica Mundial - OMM [1], os últimos seis anos foram os mais quentes registrados desde 1880, sendo 2016, 2019 e 2020 os três primeiros nesta lista. O ano de 2020 foi de 1,2°C acima das temperaturas da era pré-industrial (1880). A OMM prevê que há uma probabilidade de 20% de que o aumento da temperatura exceda temporariamente os 1,5°C já a partir de 2024 [1]. No longo prazo, os impactos do aumento da temperatura global podem trazer resultados catastróficos para a humanidade, como escassez de água



potável, inundações e aumentos do nível do mar, estiagens, insegurança alimentar e, consequentemente, crises migratórias.

Uma das formas de mitigar o aumento da temperatura do planeta é mantendo as florestas em pé, e este é um grande desafio. A major floresta tropical do mundo, a Amazônia, sofre grandes ameaças e enfrenta recordes de desmatamento. Outros biomas da América do Sul, como o Cerrado, o Pantanal e a Mata Atlântica também estão sofrendo pressão. Mas existe esperança, existem maneiras de a humanidade conviver com as florestas e até mesmo ajudar em sua recuperação. Os projetos apoiados pelo Fundo Casa Socioambiental em seus 17 anos de atuação mostram que este outro caminho é possível; são iniciativas de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas e outros tipos de populações tradicionais que nos ensinam que é possível conviver harmonicamente com as florestas, e mais,

protegê-las de ameaças externas. Fica cada vez mais evidente que não há melhores guardiões para as florestas do que aqueles que são filhos das matas e dos rios – onde estas comunidades estão presentes, atuantes e fortalecidas, é possível observar a preservação da vida.

Mobilizar e destinar recursos para que estas comunidades se fortaleçam e permaneçam em seus territórios é uma especialidade do Fundo Casa, que atua por meio de uma metodologia aprimorada há quase duas décadas. Agora, mais do que nunca, é fundamental apoiarmos as comunidades que efetivamente protegem as florestas e desempenham este papel que será vital para a humanidade até o final do século 21. Se nós precisamos das florestas para a manutenção do clima na Terra, a humanidade precisa dos povos tradicionais fortalecidos para que as futuras gerações possam também desfrutar de nosso planeta.

A IMPORTÂNCIA DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS NA PROTEÇÃO DAS FLORESTAS

e 2016 nas áreas indígenas da região, nas

áreas não indígenas diminuiu 11,2%.

A presença de populações tradicionais nos territórios está diretamente ligada à preservação das florestas, e estudos recentes demonstram essa relação. Em 2021, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO lançou o Relatório "Povos indígenas e comunidades tradicionais e a Governança Florestal" [2], com evidências de que os povos tradicionais são os verdadeiros quardiões das florestas da América Latina e do Caribe. Para o relatório, foram analisados mais de 300 artigos científicos que juntos demonstraram que ninguém cuida melhor das florestas do que estes povos. Enquanto a área de floresta intacta diminuiu apenas 4,9% entre 2000

De acordo com o relatório, a taxa de desmatamento dentro das florestas indígenas, onde a propriedade da terra foi assegurada, é 2,8 vezes menor do que fora dessas áreas na Bolívia, 2,5 vezes menor no Brasil e 2 vezes menor na Colômbia [2].

Esses dados transparecem a importância do respeito à voz e visão dessas populações tradicionais, que devem ser levadas em consideração em todas as iniciativas e estruturas globais relacionadas às mudanças climáticas, como a biodiversidade, dentre muitos outros temas. Os povos indígenas e comunidades tradicionais participam da governança de 320 a 380 milhões de hectares de florestas na América Latina e Caribe, que armazenam cerca de 34 bilhões de toneladas métricas de

carbono, mais do que todas as florestas da Indonésia ou da República Democrática do Congo combinadas. Os territórios habitados pelos povos tradicionais contêm cerca de um terço de todo o carbono armazenado nas florestas da América Latina e do Caribe e 14% do carbono armazenado nas florestas tropicais do mundo.

No Brasil, de acordo com o MapBiomas [3], os Territórios Indígenas estão entre as principais barreiras contra o avanço do desmatamento. Nos últimos 30 anos, as terras indígenas perderam apenas 1% de sua área de vegetação nativa, enquanto nas áreas privadas a perda foi de 20,6%. Entre 1990 e 2020, essa destruição foi de 69 milhões de hectares, sendo que somente 1,1 milhão ocorreu nas terras indígenas. Outros 47,2 milhões de hectares foram desmatados em áreas privadas. Somado a isso, nos últimos anos desde o início do governo atual, em janeiro de 2019, têm aumentado o número de episódios de invasões, desmatamento e grilagem de áreas em territórios indígenas, demarcadas ou não





A taxa de perda de florestas primárias no Brasil tem se mantido persistentemente alta nos últimos anos. A perda relacionada a incêndios flutuou dependendo do nível de queimadas fora de controle. Os picos históricos de queimadas na Amazônia e no Pantanal foram registrados entre 2019 e 2020. Esses dados são do PRODES, sistema de monitoramento oficial do Brasil, que mostrou que 2021 teve a maior taxa de desmatamento na Amazônia Legal desde 2006, quando medidas foram implementadas para reduzir drasticamente o desmatamento. Em alguns estados, esse aumento foi superior a 25% entre 2020 e 2021. De acordo com o estudo "As florestas"

precisam de pessoas" [4], do Instituto Socioambiental - ISA, cerca de 30% de todas as florestas do Brasil estão em áreas protegidas (terras indígenas, territórios quilombolas e unidades de conservação), com a presença de populações tradicionais. O estudo também ressalta a importância destas populações na preservação das florestas. Somente as terras indígenas são responsáveis pela proteção de 20,3% das florestas do Brasil. As unidades de conservação onde a ocupação tradicional é permitida (Resex e RDS) também apresentaram melhores resultados nos índices de preservação e regeneração ambiental.



A ciência e os dados comprovaram o papel importante dos povos da floresta para a redução das taxas de desmatamento e da perda de biodiversidade, evitando emissões de gases do efeito estufa. Entretanto mais investimentos são necessários para enfrentar as ameaças que crescem a cada dia.

MEDIDAS LOCAIS PARA MITIGAR IMPACTOS GLOBAIS

Fortalecer as populações tradicionais em seus territórios é também fortalecer a proteção das florestas, e o Fundo Casa Socioambiental é parceiro das organizações de base que lidam diretamente com este desafio. Ainda de acordo com o Relatório "Povos indígenas e comunidades tradicionais", existem medidas que são capazes de lidar com as ameaças às florestas e aos povos que as habitam, entre elas estão as seguintes ações:



Fortalecer os direitos territoriais;



Compensar os serviços ambientais;



Promover o manejo florestal comunitário:



Reafirmar culturas e saberes tradicionais:



Apoiar a governança territorial e as estruturas organizacionais indígenas e das populações que vivem nas florestas: quilombolas, ribeirinhos, pescadores, extrativistas.

Há quase duas décadas o Fundo Casa Socioambiental tem criado caminhos para apoiar diretamente as populações tradicionais e os povos originários. Atua sempre por meio de redes de confiança criadas ao longo da sua história, dentro de um conjunto de valores e de práticas compartilhadas em torno do protagonismo local e da valorização do trabalho coletivo.

O Fundo Casa desenvolveu uma tecnologia para fortalecer esses grupos comunitários, promovendo a autonomia e a independência. Sua premissa principal é a da escuta para poder responder às reais necessidades e demandas das comunidades. O que fazemos se constitui numa ponte que viabiliza o acesso de grandes financiadores aos grupos de base comunitária, com todo o cuidado e segurança que sua fragilidade exige. E, ao mesmo tempo, atuamos como um filtro para as comunidades, que cuida de como esse recurso chega até ela, facilitando os processos, oferecendo informações e ferramentas de fortalecimento institucional, para que sejam capazes de se apoderar dos processos que possibilitarão que elas criem autossuficiência econômica de



forma ambientalmente sustentável e, eventualmente, acessem outras fontes de recursos e ampliem suas ações.

Apesar desse papel agregador e formador, muitas vezes fomos chamados de fundos intermediários. Essa categoria, surgida no Norte Global para definir estruturalmente fundos que captam para doar, tornou-se um problema para fundos como os nossos, cujos fundadores são, na realidade, pessoas e organizações com histórico de ativismo no campo da proteção ambiental com justiça social, o que obviamente inclui, na maioria das vezes, atividades de geração de renda, dignidade de vida e equidade. Não somos meros atravessadores que repassam recursos. Temos um papel muito mais estratégico, pois temos total ciência de que não haveria outra forma de fazer com que recursos cruciais para a proteção de grandes biomas chegassem até as populações mais excluídas e vulneráveis. Isso exige conhecimento profundo do

campo onde atuamos, e relações de confiança e reciprocidade que vão muito além de um mero *pass through*.

Sabemos que é um longo e complexo caminho para que as comunidades estejam preparadas para receber os recursos diretamente de fontes mais complexas. O Fundo Casa oferece as ferramentas e condições para que as organizações de base possam criar autonomia em seus processos internos de gestão de projetos e também no desenvolvimento de processos de monitoramento e avaliação conjunta.

A valorização da cultura e dos conhecimentos tradicionais e a priorização do papel da juventude e das mulheres fazem parte do reconhecimento fundamental necessário para que este caminho seja percorrido com sucesso.



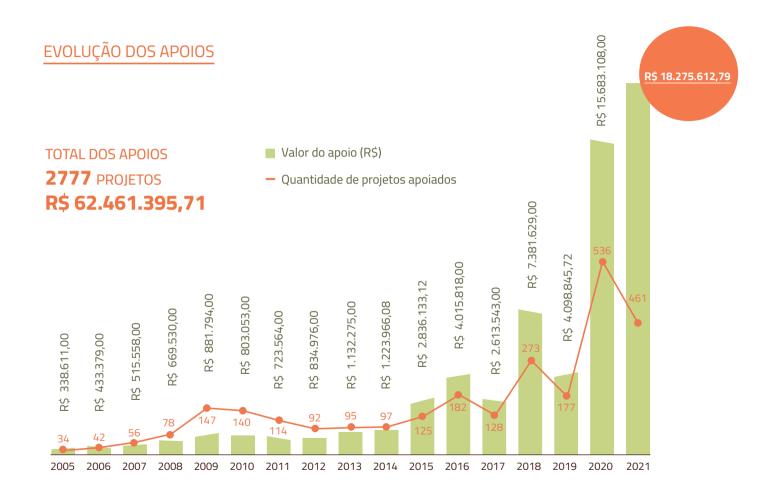
SOBRE O FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL

Com apoios financeiros, de capacidades e tecnológicos, o Fundo Casa promove a sustentabilidade ambiental, a democracia, o respeito aos direitos socioambientais e a justiça social. O Fundo Casa possui uma rede de apoio que mobiliza os recursos e fornece o suporte necessário para desenhar um projeto e um orçamento, e que fortalece capacidades dos grupos apoiados para que estes sejam capazes de executar os projetos diretamente.

Dentre as tecnologias desenvolvidas pelo Fundo Casa, está um avançado e seguro banco de dados que armazena importantes informações sobre todas as propostas recebidas e projetos apoiados, permitindo um acompanhamento desde sua contratação até a prestação de contas. O banco de dados permite o cruza-

mento de informações para a geração de relatórios e análises, que são usados para definição de estratégias da organização.

Como um valor do Fundo Casa, ressaltamos a sua atuação dentro da abordagem de construção de aprendizagem junto aos grupos locais e da produção de conhecimento para o campo da filantropia, conhecimento baseado na escuta, observação, monitoramento e avaliação dos projetos no decorrer de quase duas décadas.





Ao longo desses anos, tem **sido um privilégio** para o Fundo Casa atuar junto a uma enorme diversidade de povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, extrativistas, agricultores familiares e cidadãos ativistas na busca por uma transformação real e sustentável.

Outro componente é a tecnologia social que foi desenvolvida ao longo de quase duas décadas de atuação, e que se reflete em um verdadeiro trabalho em rede com alcance e capilaridade em territórios aonde outros fundos não são capazes de chegar.

Os conceitos que orientam as ações do Fundo Casa são a escuta, o respeito, a confiança, a união, a conexão e a colaboração. Baseado nisso, recebemos projetos por meio de "chamadas de projetos" ou por meio de busca ativa para casos, territórios, populações, públicos e/ou abordagens específicas. Em seguida, os projetos recebidos são analisados por uma equipe técnica de colaboradores e uma rede composta por representantes de organizações parceiras. Na sequência, após a aprovação dos projetos pelo Conselho, é feita a transferência de recursos diretamente para as associações locais.



Os princípios existentes nas seleções realizadas são:

APOIO às ações concretas e iniciativas de construção de capacidades do movimento socioambiental;

AÇÕES que propiciem o desenvolvimento local sustentável;

FORTALECIMENTO das capacidades de organizações para que se apropriem de agendas prioritárias e estratégicas que afetam suas vidas:

AMPLIAÇÃO e qualificação da participação da sociedade no monitoramento e engajamento com políticas públicas;

PRIORIDADE à implementação de ações estratégicas que conectam níveis de trabalhos locais, nacionais e internacionais – ações sinérgicas; APOIO PRIORITÁRIO a projetos inovadores que criem soluções ambientais; AJUDA às pequenas e médias organizações na descoberta de fontes de financiamento e na sua preparação para captar recursos;

ATENDIMENTO a temas e necessidades emergenciais deste campo.

As prioridades para o apoio são:

PEQUENAS E MÉDIAS organizações de base comunitária, de populações tradicionais, de direitos e de cidadania que atuam em temas socioambientais e de sustentabilidade do desenvolvimento humano;

GRUPOS que influenciam e monitoram a formulação de políticas públicas, a mobilização social e a conexão de trabalhos locais, nacionais e internacionais;

ORGANIZAÇÕES que trabalham coletivamente em redes, fóruns, consórcios e alianças;

GRUPOS com a participação de jovens para a formação de novas lideranças;

GRUPOS SOCIOAMBIENTAIS que considerem fortemente o equilíbrio de gênero.



DESAFIOS E LIÇÕES APRENDIDAS AO LONGO DESTA CAMINHADA



Quando falamos de apoio às soluções sustentáveis para as comunidades, certamente aparecem os desafios. E um deles é de escala: como replicar modelos em realidades e populações tão peculiares e com tanta diversidade de raça e cultura? Outro desafio se refere a reconhecer a conexão entre as diversas dimensões existentes nos territórios onde as comunidades estão envolvidas, e que são intrinsecamente conectadas a saúde, educação, renda e o quanto qualquer evento pode interferir nesse cenário.

Para vencer esses desafios, é necessário olhar para os territórios como um todo. Um bioma que contém vários tipos de ocupação humana, ao mesmo tempo que precisa ser

protegido, regenerado e oferecer condições dignas de vida às suas populações, não pode ter a integridade colocada em risco. Para isso ser possível, é preciso entender essas realidades a partir do pensamento sistêmico. Como qualquer organismo vivo, do corpo humano ao próprio planeta, os biomas possuem um sistema inteligente de autorregulação que mantém e protege a vida. Nesse processo, cada parte tem uma função na manutenção do equilíbrio do sistema, inclusive todos os seres que nele vivem.

Quando qualquer uma das partes entra em desequilíbrio, isso pode impactar o todo de forma negativa. Quanto maior a capacidade e a rapidez com que as outras partes do sistema conseguem identificar o distúrbio (ou seja, a capacidade de comunicação e feedback), mais rápido conseguem corrigi-lo e voltar a equilibrá-lo. Partindo dessa abordagem, o Fundo Casa faz suas contribuições, mantém-se parte das relações, das comunicações internas, das redes, de todo o universo onde se propõe a atuar.

Ao se identificar os pontos onde uma interferência no sistema pode ser positiva, pode-se transformar um círculo vicioso num círculo virtuoso – é o que buscamos fazer com nossas contribuições. E, no nosso caso, são muitas contribuições simultâneas em várias partes do sistema, impulsando diversos fatores para, em conjunto, produzirem muitos círculos virtuosos que se conectam e se retroalimentam. Unidas a múltiplos fatores positivos dentro do próprio sistema (como o conhecimento local, a determinação e a vontade das comunidades, e tantos outros), dão robustez a essa trama

de autocura e regeneração do todo. Dentro dessa visão, cada comunidade e grupo avalia o próprio território e propõe soluções envolvendo uma gama de aspectos, lidando com todo o contexto e as relações que se conectam com o enfrentamento das mudanças do clima.

O pequeno apoio é uma entrada ou um ponto de inserção no sistema para impulsionar processos positivos. Essa engrenagem, quando estimulada de forma cuidadosa e atenciosa, é capaz de gerar resultados para além do estímulo, de forma exponencial, bem como de fomentar outras inúmeras conexões. O Fundo Casa, por meio de seus programas, vem apoiando sistematicamente os processos das comunidades para o bem viver, projetos que fortalecem os direitos socioambientais das comunidades e que se conectam com o enfrentamento das mudanças do clima, tema para o qual chamamos a atenção neste resumo de nossa atuação.



Temas que se conectam nos apoios

PERÍODO ENTRE 2019 E 2021

Os projetos apoiados pelo Fundo Casa, em geral, possuem temas que se conectam entre si e possuem **conexões diretas com mitigação e adaptação climática** (2019-2021), conforme demonstrado a seguir.



EIXO JUSTIÇA AMBIENTAL

Defesa de Direitos Humanos e Ambientais/Vigilância e monitoramento do território

132 projetos R\$ 4.746.175,40

Proteção de Florestas

236 projetos R\$ 10.523.296,29



EIXO COMUNIDADES URBANAS

Mobilidade ativa, conexão campo-cidade, territórios colaborativos

132 projetos R\$ 6.324.853,39



EIXO DEFENSORAS E DEFENSORES DE MEIO AMBIENTE & JUSTIÇA CLIMÁTICA

83 projetos R\$ 6.324.853,39



EIXO SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS

Acesso à água/energia/saneamento/resíduos sólidos

269 projetos R\$ 8.079.224,49



EIXO SEGURANÇA SOBERANIA ALIMENTAR

Agroecologia/ agricultura familiar

272 projetos R\$ 8.576.162,87



EIXO ENERGIA

Impactos por megaprojetos – energia e transição energética

52 projetos R\$ 950.203,50



EIXO CONTROLE SOCIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

Fortalecimento de Capacidades, Incidências. Mobilizações, Direitos das Populações Tradicionais 117 projetos

R\$ 4.429.347,38



EIXO GERAÇÃO DE RENDA

Manejo integrado de cadeias produtivas/certificação/ comercialização/estoques

247 projetos R\$ 8.225.697,56





Partindo da experiência adquirida pelo Fundo Casa, ressaltamos alguns pontos importantes e lições aprendidas ao longo dos últimos 17 anos:

COMUNIDADES PROTAGONISTAS – Uma atuação baseada no reconhecimento das comunidades como sujeitos políticos, protagonistas dos processos de transformação local.

INOVAÇÃO E ESCUTA – Ter um processo de profunda escuta das comunidades como norte das ações a serem implementadas, e que elas sejam os atores protagonistas no processo de transformação. O apoio aos pioneiros e a habilidade particular em conhecer as demandas e as necessidades das comunidades são grandes ativos do Fundo Casa.

ATUAÇÃO EM REDES E FORTALECIMENTO DE REDES LOCAIS – Os desafios são enormes, portanto, para fazer frente aos mesmos, a atuação em Rede é fundamental, seja fortalecendo as já existentes, ou respondendo às demandas de se criar novas redes.

METODOLOGIA ASSERTIVA E ESCALA – Todo o processo de seleção, aprovação e monitoramento dos projetos e apoios conta com uma grande rede colaborativa nos territórios, o que potencializa de forma exponencial nossa capilaridade e alcance aos grupos mais distantes – dentro de processos e vínculos em relações de confiança.

FOCO EM DOAÇÕES/DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AOS RECURSOS FINANCEIROS – O

Fundo Casa dedica mais de 70% do seu orçamento para doações diretas a grupos comunitários. Isso comprova nossa atuação a partir de uma metodologia que resulta em custo/benefício excepcional em comparação a outras estruturas filantrópicas, privilegiando sua atividade/missão como doador; aqui o foco é o maior número de apoios possíveis distribuídos pelos territórios.

FORTALECIMENTO DE CAPACIDADES E APREN-DIZAGEM ENTRE PARES – Ações de fortalecimento de capacidades desenvolvidas junto aos grupos são consideradas estratégicas e complementares aos apoios, criando condições de autonomia dos grupos, disponibilizando um conjunto de ferramentas e conhecimentos para que cresçam como instituições e coletivos. Reconhecemos a importância do aprendizado coletivo por meio de intercâmbios, redes locais/regionais/ temáticas e comunicação comunitária.

SOLUÇÕES LOCAIS E BEM VIVER – A importância de se apoiar ações de reconstrução que privilegiam uma vida digna, plena, além de mais sustentável, foram sempre prioridade, aproveitando a Agenda 2030 e os ODS como bases referenciais reconhecidas globalmente. Ações que beneficiem e protejam os mais

vulneráveis, ao mesmo tempo em que avancem esforços para combater as mudanças do clima e a manutenção da integridade dos ecossistemas.

AUTONOMIA ECONÔMICA NAS COMUNIDADES E TERRITÓRIOS – focar na convivência com a floresta, somada ao fato de que assegurar direitos muitas vezes relegados às comunidades tradicionais residentes nos territórios de florestas promove uma distribuição de renda justa para os defensores dessas florestas. Nesse sentido, é necessário o reconhecimento do protagonismo natural dos povos e comunidades tradicionais na construção e implementação de uma agenda de transição econômica, baseada na economia verde ou bioeconomia. É dentro das comunidades e dos territórios que existem as soluções.

URGÊNCIA & EMERGÊNCIA - Recursos precisam chegar rapidamente nas comunidades de base e nos defensores e defensoras - importante ter empatia e entender que os contextos locais dos territórios são dinâmicos, e que se faz necessário que os defensores e defensoras tenham acesso aos recursos de forma rápida e segura. É importante estabelecer relações e vínculos com as redes de apoio dos defensores e defensoras, assim como fortalecer seu acesso à assessoria jurídica.

COLETIVO E INDIVÍDUO - Apoiar as ações coletivas locais produz respostas mais profundas, com mais eficiência para os problemas e com melhores resultados. Além de não personificar apenas as individualidades, os apoios coletivos contribuem para fortalecer a comunidade em prol de assuntos comuns. No caso de defensores e defensoras, os apoios coletivos precisam ser planejados como forma de diminuir as violências contra as lideranças e em prol de uma proteção coletiva.

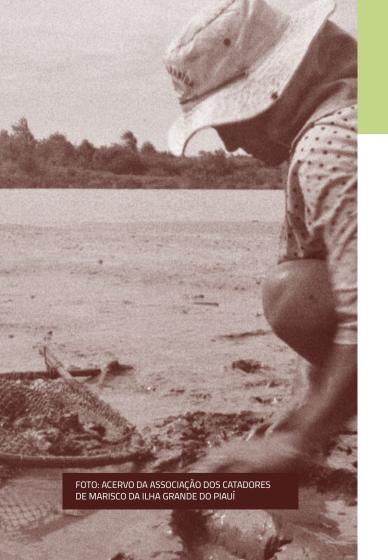


VISÃO SISTÊMICA - É importante atuar dentro de uma visão holística, integrada e sistêmica dos territórios e suas comunidades.

EMPATIA – Atuar junto às comunidades e no campo mudanças climáticas é falar de eventos extremos que causam danos profundos nas comunidades. As repostas para isso precisam ser baseadas em empatia, solidariedade, compaixão, respeito pela dignidade humana e integridade ecológica;

JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL, GÊNERO E DIVERSI-DADE – É impossível construir uma sociedade resiliente e sustentável sem reconhecer e combater as desigualdades de gênero, raça e classe. É importante apoiar propostas que prevejam a efetiva participação das mulheres nos espaços e instâncias de gestão, de execução e de tomadas de decisão nos projetos e nas organizações apoiadas, bem como em ações que busquem combater as diversas violações sofridas pelas mulheres de todas as categorias. E ainda em ações de cuidado, autocuidado e cuidado mútuo para com as mulheres envolvidas nos projetos e nas organizações apoiadastions that envolve care, self-care and mutual care for women involved in the supported projects and organizations are a main criterion.

DIREITOS HUMANOS E MEIO AMBIENTE – essa intrínseca relação não apenas reduz impactos desproporcionais, mas também promove uma sociedade mais resiliente, pois uma sociedade só pode ser tão saudável quanto seus membros mais vulneráveis. Proteger os Defensores e Defensoras de Direitos Humanos e Meio Ambiente é parte dessa ação.



PARA QUEM DOAMOS

Populações mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas

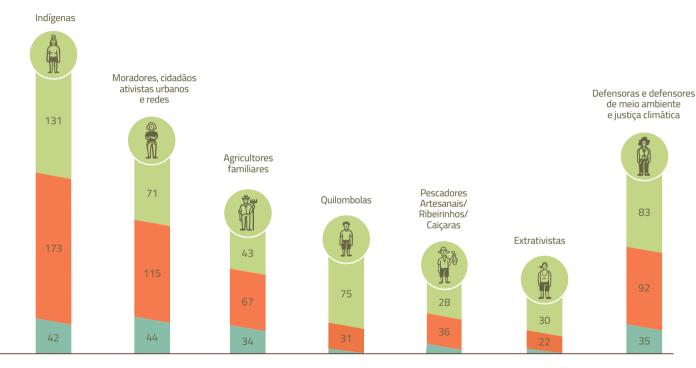
Apenas nos 3 últimos anos (de 2019 a 2021), foram doados mais de R\$36 milhões de reais (+ US\$7 milhões) para mais de 1.100 projetos que se conectam com o tema do enfrentamento das mudanças climáticas. Mas podemos também considerar que este é um tema transversal que potencialmente está ligado a todos os projetos já apoiados na história do Fundo Casa, pois se refere aos efeitos da presença humana no planeta Terra.

Nosso público prioritário para doações no período de 2019 a 2021 refere-se às populações mais vulneráveis - Grupos Populacionais Tradicionais e Específicos – GPTE* - definidas pelo **Plano Nacional de Adaptação** como as que serão mais afetadas pelas mudancas do clima.

GRUPOS APOIADOS

Os apoios diretos realizados pelo Fundo Casa atenderam a esse público prioritário, como se vê no gráfico a seguir.

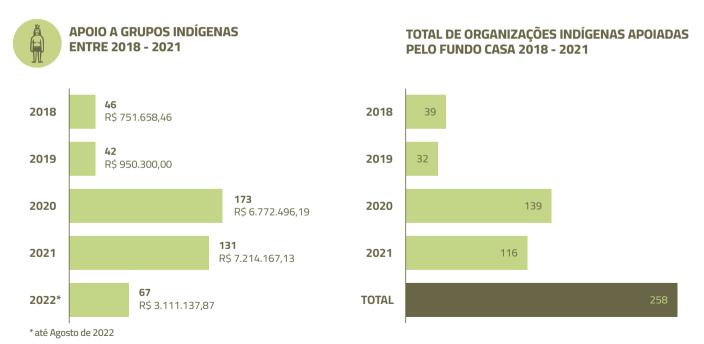




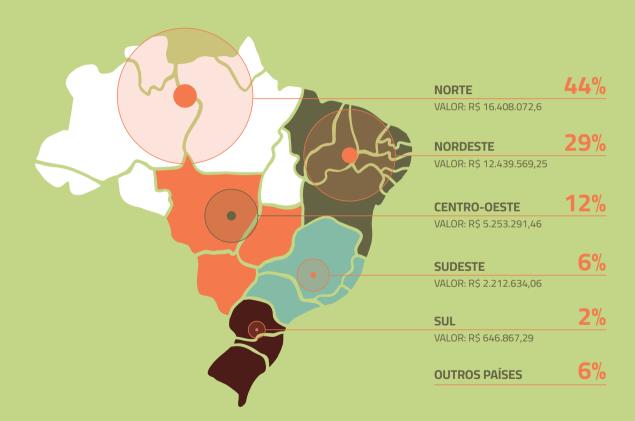
^{*} GPTE definidos no Cadastro Único – instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, e que permite que o governo conheça melhor a realidade socioeconômica dessa população.

Apoio direto a grupos Indígenas

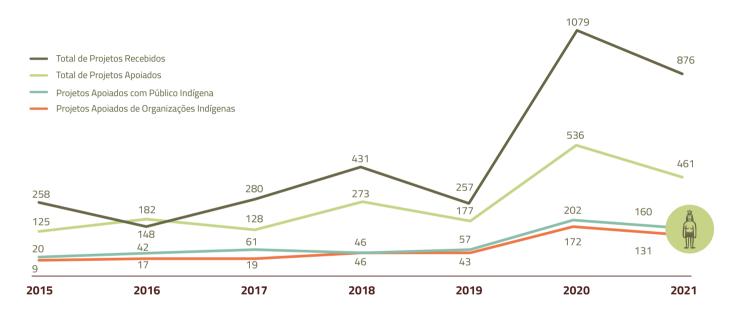
Para compreender os apoios realizados pelo Fundo Casa para projetos indígenas, um estudo mais amplo foi realizado em 2022. Considerando os apoios totais de 2015 a 2021 a projetos, foram 504 apoios. Apenas entre 2018 e 2022 realizamos 413 apoios a Projetos Indígenas. Consideramos que construímos fortes redes e relações que possibilitaram que o Fundo Casa aumentasse significativamente os apoios nesses últimos anos:



Total de Apoios por região entre 2019 a 2021

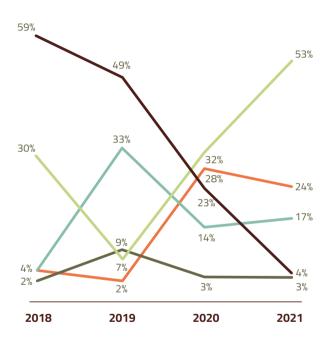


PROJETOS RECEBIDOS, APOIADOS E PROJETOS INDÍGENAS



Ao longo dos anos de 2018 e 2021, é possível notar também o crescimento dos apoios para **diferentes etnias**, fato que configura o Fundo Casa como uma organização que acessa diferentes povos e atende assim a diferentes necessidades locais.

MONTANTE ATRIBUÍDO NOS APOIOS DO FUNDO CASA





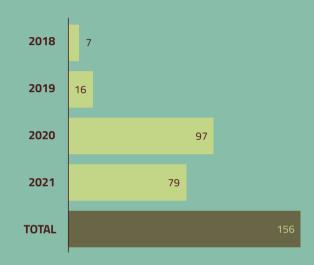
De R\$ 10.000,00 até R\$ 20.000,00

— De R\$ 20.000,00 até R\$ 30.000,00

--- De R\$ 30.000,00 até R\$ 50.000,00

--- Acima de R\$ 50.000,00

APOIOS POR ETNIAS POR ANO COMPARADOS AO APOIO TOTAL





Apoios a grupos Quilombolas

O Fundo Casa também entende que atuar na pauta antirracista é primordial, pois é impossível dissociar as questões ambientais da luta pelo reconhecimento e respeito aos povos e territórios ancestrais. Assim, defender a justiça ambiental e climática é obrigatoriamente combater a injustiça racial.

No Brasil, os Quilombos estão presentes em 30% dos municípios e em 24 Estados. Os modos de vida da população quilombola, em harmonia com a natureza, contribuem para a preservação da vegetação nativa dos biomas brasileiros (Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal). Os guilombos nesses locais são importantes espaços de resistência contra a degradação ambiental e em prol da implantação e expansão de grandes projetos de produção de commodities na área rural do Brasil. Por isso, os quilombos são alvos de violências, por serem vistos como fator de impedimento do desenvolvimento deste modelo econômico no Brasil; com isso, também surgem as violações de direitos

humanos contra o povo quilombola. Como já visto nos estudos da FAO [1], os maiores fatores indutores do desmatamento no Brasil estão em mudanças no uso do solo impulsionadas pela criação de gado e pela expansão de terras agrícolas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmou em 2020 a existência de 5.972 localidades guilombolas no Brasil. Presentes nas 5 regiões geográficas do Brasil, os quilombolas enfrentam ameaças do agronegócio, da especulação imobiliária, de impactos causados por empreendimentos de infraestrutura e energia - como oleodutos, plantas eólicas e solares, empreendimentos portuários, de mineração e também, muitas vezes, por empreendimentos do próprio poder público, que não leva em consideração a autonomia dos povos quilombolas - e, sobretudo, pela negligência do Estado brasileiro ao não reconhecer os direitos da população quilombola ao acesso pleno ao território, por meio da demarcação e titulação das áreas. Atualmente, encontram-se em fila de espera no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) 1.748 pedidos de titulação. Em 34 anos, o INCRA demarcou menos de 25 áreas quilombolas. Essa morosidade fomenta as violências em áreas quilombolas e as violações aos Direitos Humanos Quilombolas no Brasil.

Entre 2018 e 2021, o Fundo Casa fez 122 apoios a Projetos de Quilombolas – que somam R\$3.300.929,16 (US\$652.328,15) em diversas agendas que conectam os direitos quilombolas com os direitos socioambientais.

O Fundo Casa tem realizado Chamadas anuais específicas para apoiar os povos quilombolas e também apoia o movimento quilombola em questões emergenciais.

"O apoio ao protagonismo dos povos indígenas, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais acontece quando o financiador faz um processo de escuta, compreendendo as demandas locais, buscando atendê-las de forma efetiva e eficaz. Nos últimos anos, o Fundo Casa Socioamhiental vem enfrentando esse desafio de atender ainda mais de perto esse público. O respeito à oralidade, à ancestralidade e à territorialidade tem sido uma reza forte dentro do Fundo Casa. O respeito ao nosso jeito e costume em lidar com a natureza e com a preservação do ambiente e das tradições no enfrentamento ao racismo ambiental, às mudanças climáticas e em defesa dos seus respectivos territórios. O Fundo Casa contribuiu diretamente com muita competência no momento mais grave da COVID-19, na captação de recursos e repasses imediatos através de editais e apoios emergenciais. E continua fazendo a diferença com uma equipe composta de pessoas humanas, sensíveis às pautas e principalmente comprometidas com a pauta antirracista."

SELMA DEALDINA

Secretária Administrativa da CONAQ e vice-presidente do conselho deliberativo do Fundo Casa

Apoio a grupos locais conectados com o tema de energia

Neste tema, os apoios estão em duas em frentes:

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS CAUSADO PELA INFRAESTRUTURA DE ENERGIA – este eixo está conectado com as hidrelétricas, termelétricas e com energia gerada a partir de combustível fóssil:

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA, POPULAR E INCLUSIVA – este eixo enfatiza que a transição energética para uma geração mais limpa contemple outros aspectos sociais importantes, como o modo de vida das comunidades pesqueiras e quilombolas onde estão sendo implantados os parques eólicos e solares, que causam enorme dano social.

Nestes dois eixos, entre 2019 e 2018, o Fundo Casa apoiou 117 projetos de comunidade locais, que somaram R\$3.695.818,04 e US\$562.000,00.

Apoio a grupos em emergências causadas por eventos extremos

Em 2022, de acordo com estudo da World Weather Attribution (WWA) [5], mais de 25 mil pessoas ficaram desabrigadas na região nordeste do Brasil, e 133 pessoas perderam a vida como consequência dos temporais que caíram nessa região provocando enchentes, deslizamentos e alagamentos em áreas urbanas e rurais.

O Fundo Casa criou uma linha de **apoios emergenciais** para grupos já apoiados impactados por eventos extremos, a título de aprendizagem. Ressalta-se que parcela preponderante da população brasileira mais afetada pelos desastres naturais é a população periférica (pobre) e negra.



Apoio a grupos locais no enfrentamento a emergências climáticas provocadas a partir dos incêndios florestais

Há anos o Brasil enfrenta o desafio de lidar com o desmatamento, Governo após Governo não conseguimos implementar planos eficazes de prevenção e combate ao desmatamento. Como já amplamente estudado, existe um conjunto de etapas de ocupação ilegal dos biomas e áreas de conservação, essas etapas são implementadas com sucesso e, desta forma, as fronteiras do agronegócio avançam rapidamente. Existe uma relação direta entre queimadas e desmatamento.

Um levantamento feito pelo Projeto MapBiomas, após analisar imagens de satélite entre 1985 e 2020, mostra o impacto do fogo sobre o território nacional. Em cada um desses 36 anos, o Brasil queimou uma área maior que a Inglaterra: foram 150.957 km² por ano, ou 1,8% do país. O acumulado do período chega a praticamente um quinto do território nacional: 1.672.142 km², ou 19,6% do Brasil, sendo que 65% do total da área queimada foi de vegetação nativa.

O Fundo Casa vem apoiando sistematicamente os grupos e comunidades de base para que possam se preparar para o enfrentamento e combate às queimadas.

Em 2021, realizamos nossa I Convocatória de Projetos de Apoio ao Enfrentamento dos Incêndios Florestais, com as linhas temáticas:

Estruturação e Fortalecimento das Brigadas;

Manejo integrado do fogo;

Mobilização/engajamento e denúncias relacionadas a incêndios criminosos;

Apoios a ações comunitárias de combate ao desmatamento e aos incêndios.

No total, foram apoiados 61 projetos de comunidades de base para o enfrentamento dos incêndios; destes, 43 foram para a estruturação de Brigadas Voluntárias, e 8 para Brigadas Indígenas.

As brigadas voluntárias exercem papel fundamental no controle do fogo e, para isso, precisam estar estruturadas, com, por exemplo: curso de brigadistas, equipamentos, meios de transporte, drones etc. O Fundo Casa tem ajudado as comunidades a estruturar essas brigadas.

Apoio a resiliência de grupos urbanos

Entre 2018 e 2021, apoiamos projetos de comunidades urbanas na interface com o racismo ambiental, com o objetivo de apoiar projetos que melhorem a vida nas cidades e que fortaleçam os grupos urbanos para enfrentar as desigualdades produzidas pelas cidades, bem como de alertar acerca de sua pressão sobre os recursos naturais e os impactos das mudanças climáticas. O Fundo Casa desenvolveu um amplo estudo sobre este tema que pode ser acessado aqui.

Foram apoiados 171 projetos em 10 regiões metropolitanas.



Apoio a Defensoras e Defensores de Meio Ambiente e Justica Climática

Sabemos que muitas pessoas colocam suas vidas em risco para defender as florestas, defender seu modo de vida, e isso as coloca em situações de muita vulnerabilidade. Ao longo dos últimos anos, isso vem piorando sensivelmente.

Em 2019, o Fundo Casa implementou o seu Programa de Defensoras e Defensores & Justiça Climática, este programa tem 2 eixos estratégicos:

REALIZAR APOIOS EMERGENCIAIS PARA LIDERANÇAS E GRUPOS EM SITUAÇÃO DE EXTREMA VULNERABILIDADE

Fundo Emergencial atuando na urgência; Fortalecer coletivos e grupos de comunicação comunitária - apoiando para que os mesmos construam capacidade de comunicar as suas causas, fortalecendo e ampliando as suas vozes;

FORTALECER COLETIVOS E GRUPOS DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR - que integram as redes de apoio local aos defensores e defensoras e que incidem nas políticas públicas de defesa de direitos humanos.

Neste programa, o Fundo Casa já realizou mais de 230 apoios, que somaram mais de R\$3 milhões (US\$622.000,00) entre 2019 e 2022.

Em 2021, lançamos a publicação "Direitos Humanos e Defesa Do Ambiente – Relações de gênero, cumprimento do Acordo de Escazú e oportunidades para filantropia", clique <u>aqui</u> para acessar.

UM OLHAR PARA O FUTURO

Como vimos, o Fundo Casa construiu uma importante capacidade para fazer com que os recursos cheguem até as comunidades locais dentro de um processo que inclui autonomia, independência e segurança.

Foram anos construindo redes locais, redes de parceiros, instrumentais e procedimentos que dão suporte para que toda essa operação e possibilidade da democratização no acesso aos recursos financeiros da filantropia ocorra de maneira segura e de fato. Com isso, só em 2021 doamos mais de R\$18 milhões (mais de US\$3,5 mi), alcançando mais de 400 grupos locais.

Entretanto, há muito a ser feito; o Brasil é um País de enorme dimensão, formado por uma vasta diversidade de povos com modos de vida diferentes e que devem ser respeitados. Dessa forma, existem grandes lacunas no apoio direto aos grupos locais, bem como em diversas agendas importantes que devemos considerar, como:

MATA ATLÂNTICA EM GERAL - Um dos biomas mais degradados do Brasil, região com a maior parte da população brasileira e vulnerável aos eventos extremos. Região que abriga muitos grupos indígenas com ameaças aos seus territórios por atividades econômicas, infraestrutura e mega empreendimentos);

EVENTOS EXTREMOS E EMERGÊNCIAS -

Em especial causados pelas fortes chuvas ou secas extremas;

PESCA ARTESANAL - Populações que, apesar da exclusão e abandono, são os maiores cuidadores dos biomas costeiros;

PROJETOS SUSTENTÁVEIS PRODUTIVOS EM TODAS AS REGIÕES, EM ESPECIAL CERRADO E CAATINGA - que levem o bem viver para as comunidades;

PROJETOS DE APOIO A CULTURA INDÍGENA -

Foco raro entre recursos filantrópicos disponíveis, porém de essencial importância para a manutenção dos mesmos modos de vida que têm protegido as florestas há milênios;

RESTAURAÇÃO FLORESTAL A PARTIR DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS;

FORMAÇÃO POLÍTICA E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA;

CIDADES SUSTENTÁVEIS;

INTERSEÇÕES DE AGENDAS; PARTICIPAÇÃO DE LIDERANÇAS EM ESPAÇOS IMPORTANTES DE TOMADA DE DECISÕES;

FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL EM GERAL;

POLUIÇÃO QUÍMICA - decorrente principalmente de atividades industriais e da agricultura, incluindo advocacy, participação e acesso às informações nos processos de Implementação de acordos multilaterais não vinculantes (ex SAICM) e vinculantes sobre gestão e eliminação de substâncias tóxicas e perigosas (Convenções de Minamata, de Estocolmo - POPs, da Basiléia, de Rotterdam).

E ainda muitos atores importantes estão excluídos e sem acesso a recursos:

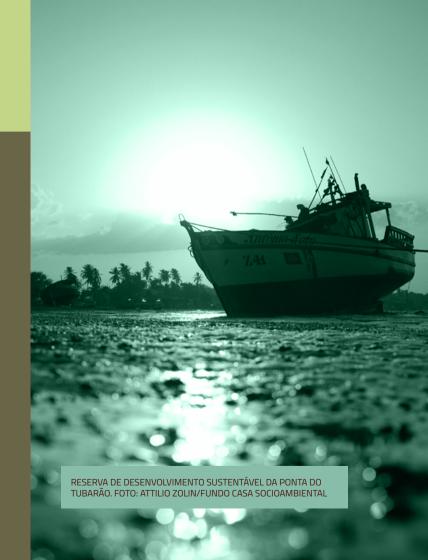
Principais Públicos sem apoio (2019-2022)

- Pescadores Artesanais da Costa Brasileira;
- Pescadores Artesanais das Reservas Extrativistas;
- · Indígenas fora da Amazônia;
- Extrativistas em geral Resex Nacionais e Estaduais;
- Quilombolas em todo o Brasil;
- Grupos das periferias urbanas que atuam na agenda de cidades sustentáveis.



REFERÊNCIAS

- [1] https://www.unep.org/pt-br/noticias-ereportagens/reportagem/o-aumentoalarmante-da-temperatura-global
- [2] https://www.fao.org/documents/card/en/c/cb2953es
- [3] https://mapbiomas.org/
- [4] https://www.socioambiental.org/noticiassocioambientais/estudo-comprova-quepovos-indigenas-e-tradicionais-saoessenciais-para?utm_source=isa&utm_ medium=manchetes&utm_campaign=
- [5] https://www.worldweatherattribution. org/climate-change-increased-heavyrainfall-hitting-vulnerable-communitiesin-eastern-northeast-brazil/



"Os projetos apoiados pelo Fundo Casa possibilitaram a construção de protocolos de consulta e consentimento como instrumento jurídico de defesa dos direitos fundamentais.

São milhares de pessoas na Amazônia que direta e indiretamente estão sendo beneficiadas com os apoios do Fundo Casa, que chegam por meio das organizações de base.

O Fundo Casa respeita os modos tradicionais dessas comunidades se organizarem e de "fazer o que será" em defesa do bioma Amazônia."

IREMAR FERREIRA Membro do Instituto Madeira Vivo - IMV

ADRIANA RAMOS

Instituto
Socioambiental (ISA)

"Conservar e restaurar ecossistemas é um imperativo ético e uma necessidade objetiva diante das mudanças climáticas. É um consenso hoje referendado pelos estudos arqueológicos liderados pelo arquieólogo Eduardo Neves que os povos indígenas são, em última instância, responsáveis pela "construção" e manutenção da floresta Amazônica, reconhecida como importante reguladora climática do continente. As terras indígenas, os territórios quilombolas e de comunidades tradicionais desenvolvem um vasto repertório de estratégias de manejo que fazem da Amazônia uma das fronteiras de enfrentamento às mudanças climáticas. Assegurar as condições para que essas comunidades possam implementar suas estratégias de gestão e proteção territorial com autonomia é a melhor forma de contribuir para um enfrentamento consistente às mudanças climáticas. Comunidades e organizações fortalecidas contribuirão para a redução da degradação e a emergência de novos modelos econômicos adequados à promoção de bem estar às comunidades e manutenção da floresta em pé."





www.casa.org.bi